

concentrações similares de blocos queimados (associados a ocupações gravettenses?) existiam provavelmente a Oeste da área intervencionada. A conservação do paleossolo associado à ocupação gravettense parece ter uma relação directa com a intensidade dos processos erosivos ao longo do afloramento granítico, em função da topografia deste e no eixo Este/Oeste e em função da localização na vertente.

A área escavada em extensão nas campanhas de 1997/1998/2001 e 2002 corresponde a uma zona de melhor preservação da U.E. 3 e, neste sentido, pode ser considerada com uma amostra representativa das actividades realizadas no sítio durante esta fase de ocupação.

Os resultados obtidos no *locus* de Olga Grande 14 e a comparação com os dados de Olga Grande 4 indicam que os vestígios gravettenses estão provavelmente preservados numa área estimada em 100 m². As remontagens acusam a existência provável de outras estruturas em relação com a concentração de elementos queimados, associados a vestígios gravettenses.

Nesta fase, a escavação em extensão destes níveis necessita de uma intervenção em área, nos níveis com estruturas conservadas da Pré-História Recente.

3.2.5 *Fariseu*

3.2.5.1. *O sítio e a sua descoberta*

O sítio de Fariseu localiza-se na margem esquerda do Rio Côa, a cerca de 5 km da sua confluência com o Douro, a meia distância entre os conjuntos de gravuras de Piscos, a montante, e de Vale da Figueira, a jusante. O sítio corresponde a uma reentrância na vertente de cerca de 45° de inclinação, no limite do domínio aluvial (Fig. 3-15).



FIG. 3-15 – Foto tirada de Este para Oeste do sítio do Fariseu (J. P. Ruas).

A existência do sítio arqueológico é conhecida deste 1995 (Baptista & Gomes, 1997, pp. 214-215) onde as prospecções efectuadas de barco por Manuel Fernandes Almeida e João Carlos Morgado Félix, durante a campanha de levantamento das gravuras da Canada do Inferno, evidenciaram duas rochas gravadas com motivos paleolíticos que foram incluídas, com a denominação “conjunto de gravuras do Fariseu”, na lista dos sítios que constam no processo de classificação dos sítios de arte do Vale do Côa (Zilhão, 1997).

O abaixamento do nível da água da albufeira do Pocinho, iniciado na primeira semana de Dezembro de 1999, com o objectivo de proceder a obras na ponte internacional de Barca d’Alva, atingiu a cota mais baixa no dia 5. Aproveitando esta oportunidade, foi decidido encetar, de forma célere, uma verificação dos terrenos normalmente submersos por aquela acumulação artificial de água. Assim, toda a área compreendida entre Piscos e a Foz do Côa foi prospectada por Manuel Fernandes Almeida e Marcos García Díez e a existência de dois painéis (Rochas 1 e 5) potencialmente recobertos por sedimentos foi comunicada oralmente a António Martinho Baptista e Thierry Aubry. No dia 6, Thierry Aubry e Jorge Davide Sampaio deslocaram-se ao local, informando o Doutor João Zilhão (então Director do ex-Instituto Português de Arqueologia) da descoberta, tendo-se iniciado as sondagens no dia seguinte. Os trabalhos de escavação revelaram que o suporte xistoso conhecido como Rocha 1, recoberto por sedimentos, se prolongava, sendo desde logo possível constatar que se encontrava intensamente ornamentado (84 de 92 unidades gráficas actualmente conhecidas (Baptista & al., 2008) foram contabilizadas em 1999, sobrepostas e com os traços não patinados). O registo foi levado a cabo pelos técnicos do Centro Nacional de Arte Rupestre nos dias seguintes.

3.2.5.2. A intervenção de 1999

3.2.5.2.1 Metodologia

Participaram nesta primeira intervenção no sítio, além da equipa permanente do PAVC (Jorge Davide Sampaio e Carla Magalhães) e do CNART (Marcos García Díez e Fernando Barbosa), Rita Lopes, Gertrudes Zambujo, Ana Filipa Bragança, Ana Martins, Filipa Neto, Miguel Almeida e Maria João Neves.

A primeira sondagem de 1 m² (que na quadrícula corresponde ao quadrado O-21) (Fig. 3-17) foi realizada pelos signatários em frente à Rocha 1 e permitiu, desde logo, observar, subjacente às aluviões recentes depositados desde a construção da barragem do Pocinho, uma camada de aluviões de cor castanha-clara, com vestígios líticos talhados. A observação da rede de fracturas no afloramento de xisto permitia prever uma potência mais importante dos sedimentos na direcção Sul. Dois outros quadrados foram abertos (O-19 e O-20) bem como a metade Norte do quadrado O-18. Este trabalho confirmou a existência de vestígios líticos, concentrados na base da camada 2. Face a tais resultados decidiu-se alargar a área de intervenção, pelo que foram abertos: a totalidade do quadrado N-19 e os quadrantes A e B de N-18, os quadrantes B e D de M-19 e o quadrante B de M-18. A totalidade desta área foi escavada em extensão desde a base da camada 2 até à camada 8. O corte F-G foi conservado até ao dia 14 de Dezembro, altura em que Norbert Mercier (Laboratoire des Faibles Radioactivités, Gif-sur-Yvette) procedeu à medição da radioactividade *in situ* das diversas camadas. Numa segunda fase, que se desenrolou entre os dias 14 e 21 de Dezembro, foi escavado o quadrado M-19, os quadrantes A e B de M-18, B e D de L-19 e B de L-18.

As unidades estratigráficas 1 e 2 não foram crivadas na totalidade da área escavada. Já as restantes foram crivadas a seco na primeira fase e após verificação da esterilidade dos níveis 3a, 3c, 4d e da U.E. 5, tendo os demais níveis sido crivados a água com uma malha de 2 mm durante a segunda fase de escavação. Na primeira fase foram coordenados os vestígios

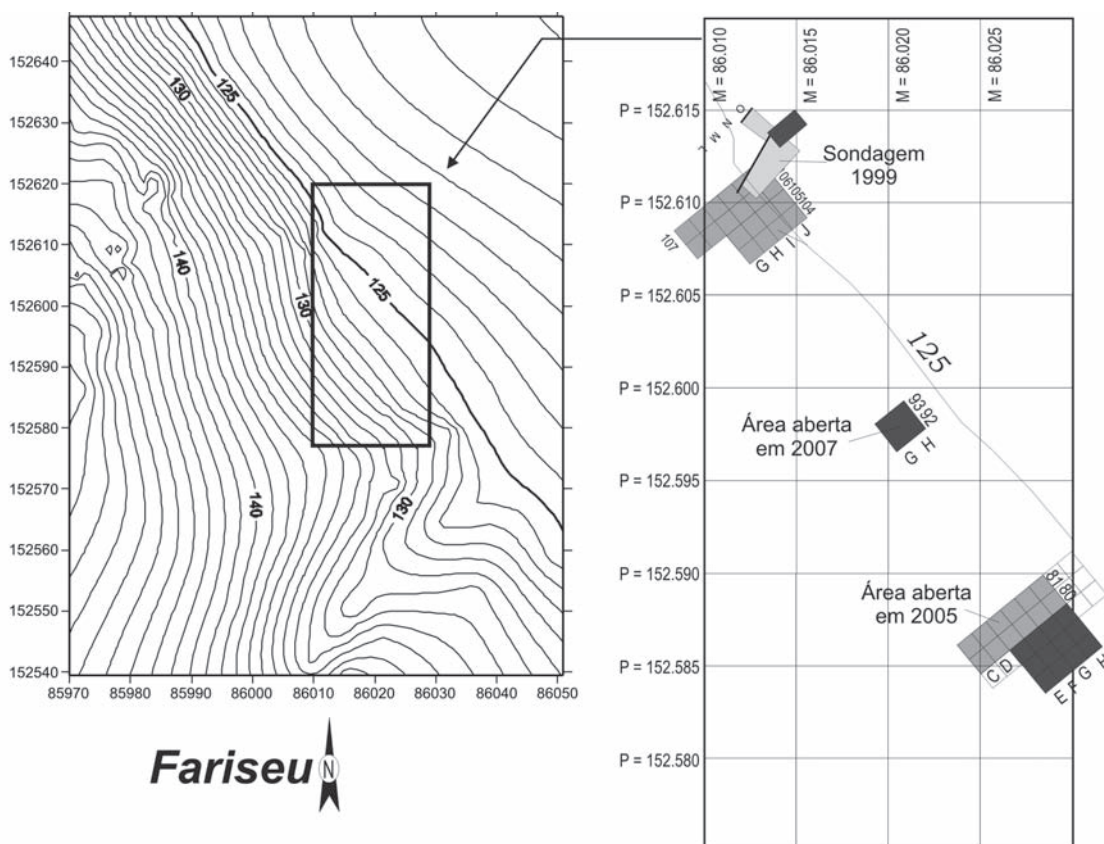


FIG. 3-16 - Planta topográfica do sítio do Fariseu e localização das áreas intervenções durante as campanhas de 1999, 2005 e 2007.

líticos da base da unidade 2, localizados durante a remoção dos terrenos. Em situação de tempo escasso, a metodologia de escavação foi alterada: as camadas que continham materiais arqueológicos foram escavadas por quadrante e o material recuperado durante a crivagem à água.

A detecção de gravuras no painel paralelo à Rocha 1, a partir da escavação das unidades 1 e 2 dos quadrados O e N-19, que não tinham sido observadas durante as prospecções de 1995, implicou um cuidado especial durante a escavação dos sedimentos justapostos à rocha. Com o objectivo de não a danificar, foram utilizadas pequenas espátulas de madeira e a superfície gravada não foi objecto de limpeza antes da observação e trabalho de levantamento, realizados em paralelo com a escavação, pela equipa do CNART.

Antes da subida das águas do Douro e da área afectada do Côa, no dia 22 de Dezembro procedeu-se à consolidação dos cortes com uma barreira de lajes de xisto, tendo o espaço sido preenchido pelos sedimentos das camadas 1 e 2, que não tinham sido crivados. A superfície gravada da Rocha 1 bem como os cortes foram protegidos com manta geotêxtil.

Optou-se por prolongar os eixos da quadrícula na área da vertente (não afectada pela albufeira), com o objectivo de correlacionar futuras intervenções nesta área.

3.2.5.2.2. A sequência sedimentar observada na sondagem de 1999

A escavação documentou a sequência sedimentar perpendicular e paralelamente à rocha gravada (Fig. 3-17). As observações macroscópicas fundamentadas nas observações de cor e de textura realizadas no campo, foram complementadas pela análise das amostras de micro-morfologia que estão localizadas nos cortes representados na Fig. 3-17. Este estudo, da res-

ponsabilidade de Farid Sellami (Laboratoire de Recherche en Micromorphologie des Sols, UER, Dynamique des Milieux et Organisation Spatiale), teve por objectivo precisar os processos sedimentares e pedológicos, bem como eventuais fases de erosão por processos coluviais ou aluviais. Os resultados serão apresentados no Capítulo 4.2, numa tentativa de interpretação dos processos observados à micro-escala numa proporção mais ampla da bacia hidrográfica do Côa e da evolução climática global.

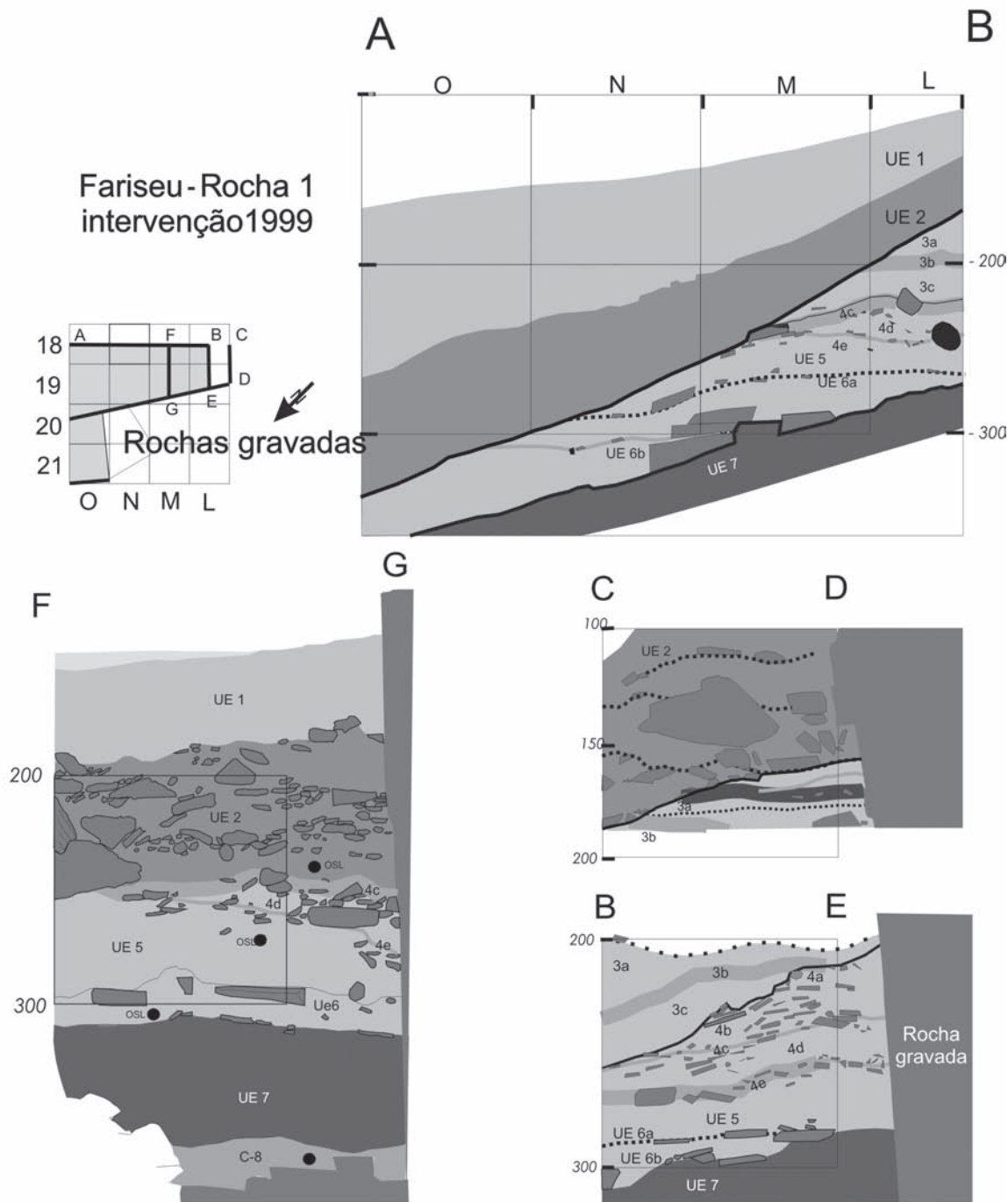


FIG. 3-17 - Cortes estratigráficos da sondagem de 1999 no sítio do Fariseu e relação com a Rocha 1.

As unidades estratigráficas (U.E.) definidas no campo (Fig. 3.17) são as seguintes:

- U.E. 1: Constituída por aluviões areno-siltosas resultantes da subida do nível do Côa, devido à construção da barragem do Pocinho no Vale do Douro.
- U.E 2: Contém blocos de xisto, com traços metálicos em alguns casos, embalados no mesmo sedimento descrito na camada 1, provavelmente acumulado por percolação. A base deste conjunto possui um limite nítido irregular, que resulta de uma truncatura por erosão.
- U.E 3 a: Foi observada unicamente nos quadrados da banda L e as mais altas, na vertente. A sua topografia revela uma erosão por processo aluvial. A camada, de estrutura granular, é constituída por sedimentos de textura arenosa fina e siltosa, depositados num processo aluvial de baixa energia, de tipo limite de cheia.
- U.E 3b: Corresponde a uma acumulação argilosa ou siltosa de cor castanha. Este nível só foi observado na banda L.
- U.E 3c: Acumulada numa depressão formada por erosão da camada 4, possui uma textura e estrutura igual à da unidade 3a.
- U.E. 4: Está separada da unidade 3 por um limite de erosão. Os níveis 4a, 4c e 4e contêm grandes proporções de plaquetas de xisto queimadas, numa matriz de aluviões finos e estão associados a vestígios arqueológicos. A fraca espessura e a rubefacção da maioria dos elementos pétreos indicam uma origem antrópica. Todavia, a importância da deslocação pós-deposicional fica por determinar. Os níveis 4b e 4d são aluviões estéreis.
- U.E 5: De estrutura granular e textura fina, depositada por processo aluvial é estéril.
- U.E 6: Não apresenta uma variação de textura e estrutura relativamente à sobrejacente, mas contém lajes de xisto (6a) e níveis mais ricos em sedimento argiloso ou siltoso de cor castanha (6b).
- U.E 7: Escavada unicamente no quadrado O-19 é constituída por fragmentos de xisto de arestas alteradas contidos numa matriz arenosa.
- U.E 8: É menos rica em elementos pétreos e contém pequenos seixos de quartzo e quartzito. Foram encontrados raros vestígios líticos no quadrado M-19. A inclinação do topo desta unidade, comparável à da base da 2, aponta para um processo de erosão.

A análise da organização espacial permitiu:

- Avaliar a taxa de sedimentação dos níveis aluviais, desde o enchimento da barragem do Pocinho, em 1976;
- Distinguir fases de erosão anteriores à deposição da U.E. 2, durante a deposição da 3 e que pudessem afectar o topo da 7. Estas truncaturas possuem uma inclinação mais forte do que os conjuntos aluviais e de ocupação humana, diferença bem visível no corte paralelo à rocha gravada;
- Interpretar a concentração de lajes de xisto de bordos não alterados, maioritariamente queimadas. Estas unidades estratigráficas não apresentam as características sedimentares de um depósito de vertente deslocado por processo de escorrimento em massa (cf. Capítulo 4.2);
- Interpretar os depósitos aluviais, de textura arenosa e siltosa com raros seixos. Estas unidades devem corresponder a um processo sedimentar de fraca energia, no limite superior do leito de cheia. A posição do afloramento rochoso, de orientação perpendicular ao curso do Côa, deve ter tido influência, como efeito de bloqueamento preferencial dos sedimentos aluviais.

3.2.5.2.3. *A sequência arqueológica e relação com a rocha gravada*
(Fig. 3-18; cf. Capítulo 7.1.1)



FIG. 3-18 - Fariseu, A: Aspectos da sondagem realizada em 1999, B: sequência estratigráfica e relação com o painel vertical gravado.

As U.E. 2 base, 4a, 4c, 4e, 6b, 7 e 8 forneceram vestígios arqueológicos, exclusivamente líticos. Algumas remontagens entre termoclastos mostram que o material da camada 2b resulta da erosão das camadas subjacentes.

O material lítico da U.E. 4a descoberto durante esta campanha contém uma ponta de dorso curvo de tipologia semelhante às peças encontradas na U.E. 3 do Sítio de Quinta da Barca Sul e do topo da Camada 4 de Cardina I (cf. Capítulo 6.2). Estas pontas líticas, características do Magdalenense Final tipo “Carneira” (Zilhão, 1995), indicam uma cronologia do Dryas III (cerca de 10 500 BP em datas radiocarbono). As truncaturas de erosão observadas na U.E. 3 devem corresponder a fases húmidas do início do Holocénico.

O material lítico das U.E. 4c e 4e apresenta fortes semelhanças entre si, do ponto de vista da tecnologia, da tipologia e do aprovisionamento de matérias-primas. Nesta fase dos trabalhos o efectivo reduzido da indústria lítica não permitia atribuir uma cronologia segura às duas ocupações. Ainda que evidenciem semelhanças com o material associado às duas estruturas desmontadas durante a campanha de 1999 na Cardina I, não dispomos de uma data absoluta, a qual possa confirmar tal interpretação. Foram apresentados duas hipóteses de atribuição cronológica ao Proto-Solutrense ou a uma fase magdalenense (Aubry & García Díez, 2001; Aubry, 2002).

Uma placa de xisto de superfície alterada foi encontrada na U.E. 4e, gravada com símbolos geométricos incisos em ambas as faces (García Díez & Aubry, 2003; cf. Capítulo 7.2).

As U.E. 6b e o topo da U.E. 7 forneceram um conjunto lítico pouco numeroso, do qual se destaca uma lamela de dorso retocada no seu bordo oposto. No quadrado O-19 apareceu uma estrutura composta por lajes de xisto em disposição vertical (cf. Capítulo 5.2.2).

A U.E. 8 forneceu um reduzido conjunto de vestígios líticos em quartzo.

3.2.5.2.4. Resultados e perspectivas

A intervenção, de curta duração efectuada em Dezembro de 1999 nos sedimentos em contacto com a Rocha 1 do sítio de Fariseu revelou o seguinte:

- No nível de topo da U.E. 4 (U.E. 4a), que cobria dois terços da superfície gravada do painel, foi identificada uma ponta de dorso curvo idêntica às encontradas noutros sítios do fim do Paleolítico Superior do Vale do Côa e do Centro de Portugal (Aubry, 2002; Aubry & García Díez, 2000). Este dado permitiu pela primeira vez estabelecer objectivamente a relação estratigráfica directa entre depósitos que contêm vestígios do Paleolítico Superior e gravuras conservadas em painéis rochosos ao ar livre. Por consequência, tal facto constituía a prova arqueológica da atribuição estilística ao Paleolítico das gravuras da Rocha 1 e, por aproximação, de outras representações picotadas noutros painéis do Vale do Côa;
- A deposição da U.E. 6 permite atribuir um *terminus ante quem* à cronologia do momento da gravação;
- A sondagem sugere uma avaliação segundo a qual a área a montante da Rocha 1, susceptível de conservar ocupações do Paleolítico Superior é da ordem de 200 m². A topografia das camadas, no sentido da vertente, leva a crer que a sequência é mais espessa a partir da banda L;
- Esta descoberta comprovou a possibilidade de conservação de sedimentos aluviais do Pleistocénico superior em condições geomorfológicas especiais, no limite do leito de cheia máxima actual do Côa. As primeiras observações efectuadas durante a escavação, bem como a análise laboratorial das amostras de blocos de sedimentos efectuada por F. Sellami (cf. Capítulo 4.2), estabeleceram um modelo geomorfológico que definirá as

possibilidades de conservação de sedimentos aluviais contemporâneos do fim do Paleolítico Superior, a cotas superiores a 6 m do nível actual do Côa, no limite máximo de cheia e da parte baixa das vertentes do Côa. Esta localização, que corresponde à maior concentração de rochas picotadas actualmente conhecida, augura a existência de rochas cobertas por sedimentos aluviais e a possibilidade de conservação de níveis de ocupação humana no troço do Rio Côa situado a jusante do Fariseu.

Na extensão da margem esquerda do Rio Côa, no sítio de Canada do Inferno, existem sectores submersos que apresentam condições geomorfológicas favoráveis à conservação de sedimentos pleistocénicos.

Todavia, esta primeira intervenção não permitiu obter dados suficientes para reconstituir a natureza das actividades realizadas na área em contacto com a rocha gravada, durante as diversas fases de ocupação da praia aluvial. Tal interpretação passava pela escavação numa área mais extensa, o que permitiria, desde logo:

- Avaliar se a descoberta de arte móvel numa área reduzida corresponde realmente a uma forte densidade deste tipo de vestígios, raros nos outros sítios escavados;
- Recolher um conjunto lítico mais numeroso nas diversas unidades estratigráficas para permitir uma atribuição cultural e tentar uma interpretação funcional.

3.2.5.3. Os trabalhos de 2005

3.2.5.3.1. Objectivos da intervenção realizada em 2005

Como resultado do constrangimento relativo ao tempo disponível para a intervenção efectuada em 1999 — e, por consequência, do carácter restrito da área escavada — algumas questões, essenciais, ficaram em aberto:

- Uma melhor caracterização cultural de alguns dos níveis de ocupação atribuíveis ao Paleolítico Superior (U.E. 4c, 6 e 8);
- Uma definição exacta e não de uma idade mínima das fases erosivas que afectam os depósitos pleistocénicos;
- A reconstituição dos processos e a evolução topográfica do topo das diversas unidades estratigráficas, da totalidade do sítio e as suas relações com os processos aluviais e coluviais à escala da bacia hidrográfica;
- O estabelecimento, na sequência conservada, do “nível de chão” a partir do qual (ou dos quais) as gravuras foram realizadas.

Estas irresoluções e o facto das observações de F. Sellami não terem sido realizadas *in situ* durante a intervenção (mas obtidas posteriormente numa análise microscópica das amostras de solo recolhidas em 1999), motivaram a realização de sondagens geofísicas com a ajuda duma sonda de solos em Setembro de 2004 na sua presença. Os resultados obtidos (Fig. 3-19) indicaram uma forte probabilidade de as camadas que contêm os vestígios das ocupações do Paleolítico poderem prolongar-se para montante da área da sondagem efectuada em 1999, ao longo de 30 m e numa largura de pelo menos 10 m ao longo da vertente. Tais observações indicavam também a necessidade dum novo abaixamento do nível da albufeira do Pocinho a uma cota mínima de 123 m, para permitir a escavação e facilitar a manutenção dos cortes estratigráficos.

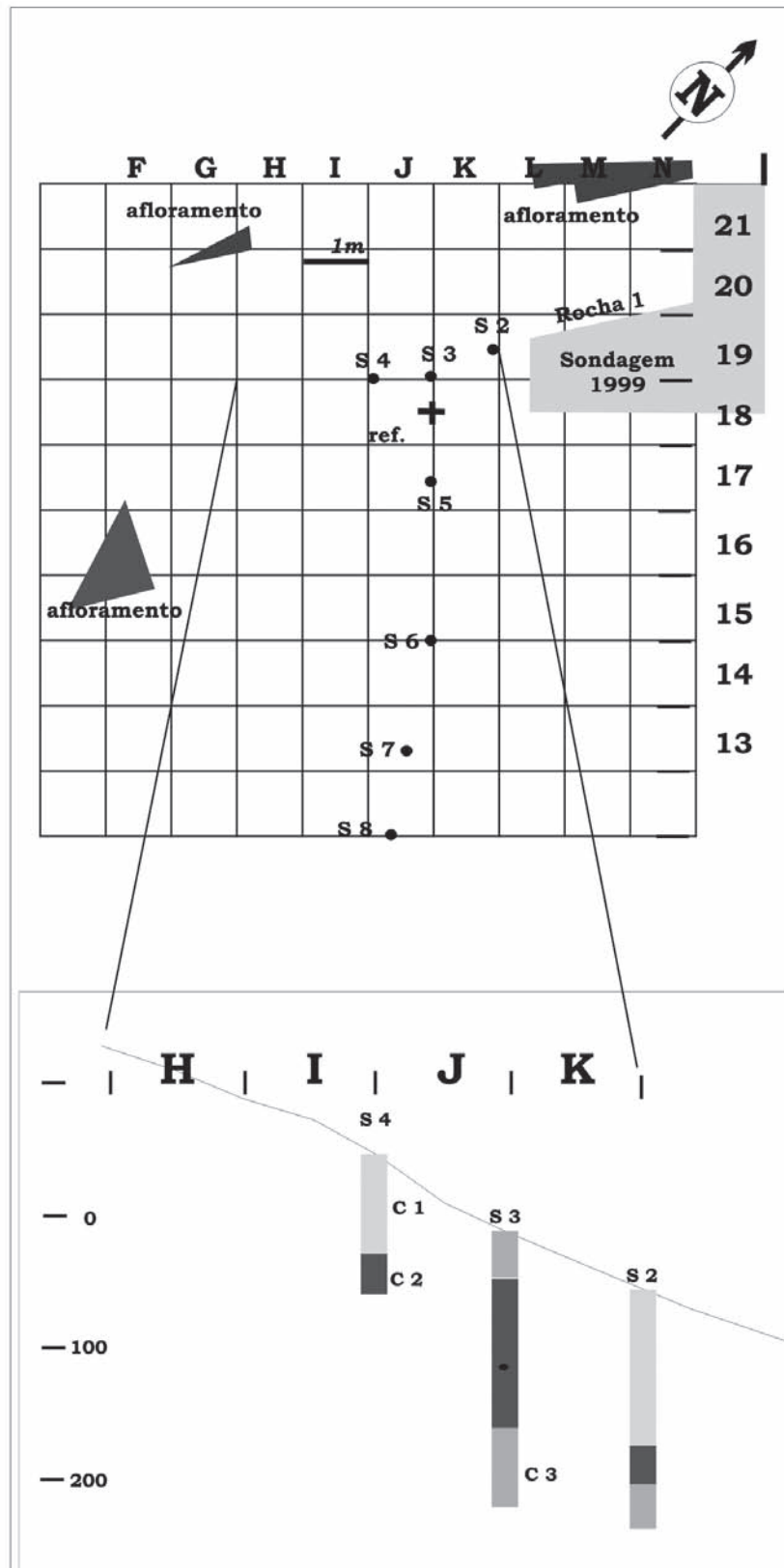


FIG. 3-19 – B: Fariseu, planta de localização das sondagens realizadas com tarro na área adjacente à Rocha 1 do Fariseu e B: unidades estratigráficas observadas nas sondagens 2, 3 e 4.

3.2.5.3.2. Metodologia da intervenção

Os trabalhos decorreram entre os dias 19 de Setembro e 14 de Outubro de 2005. Participaram nos trabalhos, além da equipa permanente do PAVC (Jorge Davide Sampaio, António Pedro Batarda, Luís Luís e Carla Magalhães) e do CNART (Mário Rui Reis Soares, Rosa Catarina Jesus Jardim, Dalila Susana Correia), Ana Cristina Araújo, José Paulo Ruas, Fernando Gonçalves (IPA), Bruno Figueira (Instituto Politécnico de Tomar), Cristina Gameiro (UA), Henrique Matias (UL) e Laurent Klaric (CNRS, U. Paris 10). Um levantamento topográfico foi realizado anteriormente à campanha de escavação por F. Gonçalves (Fig. 3.16)

Na totalidade da área onde as sondagens geológicas e geofísicas tinham definido que a conservação de níveis de ocupação do Paleolítico Superior era possível, só dois sectores foram escavados durante esta campanha (cf. Fig. 3-16). O primeiro localiza-se a cotas mais altas e na continuação da sondagem de 1999, o segundo no limite mais a montante do sítio.

Constatando a impossibilidade de fazer chegar uma retroescavadora, em consequência da forte inclinação da vertente e a não consolidação dos sedimentos finos em curso de deposição, as U.E. 1 e 2 (de formação recente) e 3 (estéril), foram escavadas com recurso a pá e picareta e os terrenos removidos não foram crivados. Os sedimentos das U.E. 4 a 7, de idade pleistocénica, escavados nas duas áreas abertas, foram integralmente crivados na água com uma malha de 2 mm.

A detecção de novas gravuras na superfície de fractura que constitui a continuação da Rocha 1, no quadrado I-107, implicou uma atenção redobrada durante a escavação dos sedimentos em contacto com a rocha. Por conseguinte, com o objectivo de não danificar a rocha, foram utilizadas pequenas espátulas de madeira, e a superfície gravada não foi lavada antes da observação e do registo (realizado no final da escavação por F. Barbosa do extinto CNART).

A remoção da totalidade dos sedimentos das U.E. 4 a 8 foi igualmente feita com aquele material, com o objectivo de não danificar as plaquetas neles embaladas. Todas as placas, seixos e lajes evidenciadas foram, após terem sido localizadas, sistematicamente lavadas a água com auxílio de uma escova de dentes (de rigidez reduzida) e imediatamente examinadas por Mário Rui Reis Soares, Rosa Catarina Jesus Jardim e Dalila Susana Correia. No caso da detecção de traços incisos os suportes móveis eram registados tridimensionalmente com um teodolito.

A deslocação de Farid Sellami ao sítio, entre os dias 9 e 12 de Outubro, permitiu a análise *in situ* dos cortes evidenciados nas duas áreas intervencionadas e a recolha de um novo bloco de sedimentos para uma análise em lâmina delgada.

3.2.5.3.3. Resultados

Precisão da sequência e dos processos sedimentares

A escavação das áreas adjacentes à sondagem realizada em 1999 permitiu confirmar as subdivisões, descontinuidades erosivas e unidades estratigráficas definidas anteriormente, bem como observar a sua evolução ao longo e perpendicularmente à vertente (Fig. 3-21).

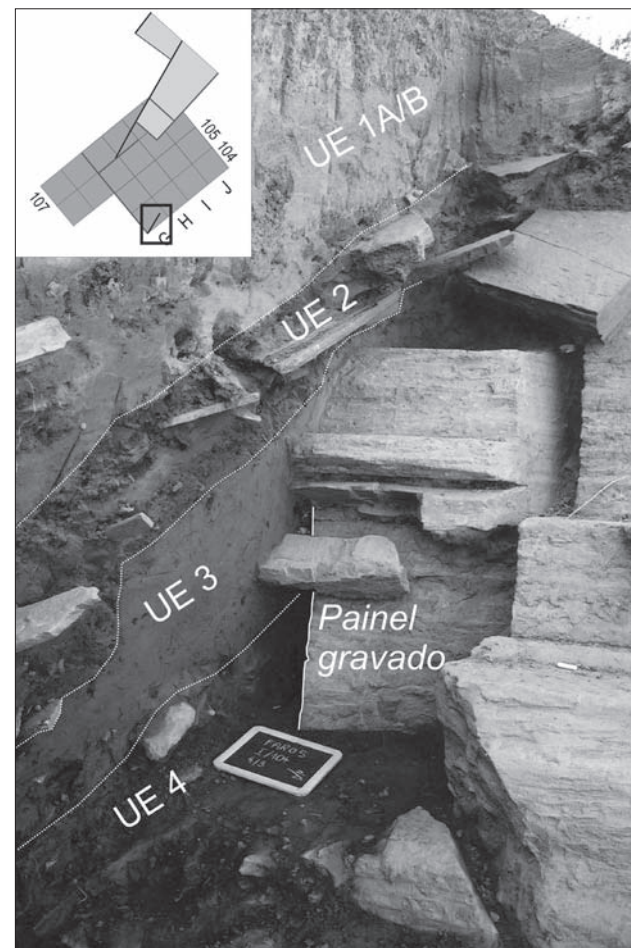


FIG. 3-20 – Fariseu, nova superfície de fractura gravada surgida no corte Sul do quadrado G-104.